

Exílio, memória e melancolia em *Hanói*, de Adriana Lisboa

Exile, memory, and melancholy in *Hanói*, by Adriana Lisboa

ANA MARIA LISBOA DE MELLO¹

Resumo: Partindo de um balanço sobre acontecimentos históricos, sobretudo nos séculos XX e XXI, que provocaram imensuráveis deslocamentos de seres humanos, este artigo propõe-se a analisar a «escrita migrante» de Adriana Lisboa, no romance *Hanói*, a partir de reflexões sobre exílio, transculturalidade, memória, pós-memória e melancolia, aspectos presentes nas personagens deslocadas ou herdeiras de traumas familiares. *Hanói* é um romance que traz a complexidade desses trânsitos humanos, as implicações advindas da desterritorialização e da convivência com outras culturas e as experiências de estranhamento, com destaque, no caso, para refugiados do Vietnã nos EUA, os quais precisam se adaptar a uma cultura e idioma muito diferentes dos seus.

Palavras-Chaves: Adriana Lisboa; refugiados; exílio; memória.

Abstract: Based on a review of historical events, especially in the 20th and 21st centuries, which caused immeasurable displacements of human beings, this article proposes to analyse the «migrant writing» in the *Hanói* novel, by Adriana Lisboa, bringing a reflection about exile, transculturality, memory, post-memory and melancholy, aspects present in heiresses of family traumas or exiled characters. *Hanoi* brings the complexity of these human transits, the implications originated from the deterritorialization and coexistence with other cultures, experiences that cause strangeness in the world's apprehension. In this novel, the Vietnam refugees in the USA need to adapt to a new culture and language, both very different from their own.

Keywords: Adriana Lisboa; refugees; exile; memory.

¹ Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil) — CNPq. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0651-1974>.

Não posso deixar de pensar que este século [xx]
foi o mais violento da história humana.
(William Golding, *apud* Hobsbawm, 1994)

Imaginemos os refugiados vietnamitas nos botes
enfrentando o alto-mar ou já assentados em
algum lugar australiano.
(Joseph Brodsky, 2016)

1. Introdução: A violência no «breve» século XX

O século XX foi um século de guerras, com o extermínio de milhares de seres humanos, facilitado pelo desenvolvimento tecnológico dos armamentos. Eric Hobsbawm qualifica de «breve» esse século, que se estenderia de 1914 a 1991 (do início da Primeira Guerra Mundial ao fim da União Soviética). O historiador observa que, quando eclodiu a Primeira Guerra, fazia 100 anos que não havia um conflito bélico que envolvesse todas as grandes potências. A Guerra de 1914 foi o início de uma série de outras que se estenderam ao longo deste século, marcado pela violência extrema de seres humanos em luta uns contra outros: tortura, massacre, fome, exílio...

Sigmund Freud, em «Reflexões para os tempos de guerra e morte», de 1915, no ano seguinte à eclosão da Primeira Guerra Mundial, reflete sobre a desilusão com a «alta civilização» europeia, afirmando:

Duas coisas nessa guerra despertaram nosso sentimento de desilusão: a baixa moralidade revelada externamente por Estados que, em suas relações internas, se intitulam guardiães

dos padrões morais, e a brutalidade demonstrada por indivíduos que, enquanto participantes da mais alta civilização humana, não julgaríamos capazes de tal comportamento.
(Freud, 1996: 290)

E acrescenta mais adiante:

Na realidade não existe essa «erradicação» do mal. A pesquisa psicológica – ou falando mais rigorosamente, psicanalítica – revela, ao contrário, que a essência mais profunda da natureza humana consiste em impulsos instintuais de natureza elementar, semelhantes em todos os homens e que visam à satisfação de certas necessidades primevas. (Freud, 1996: 290)

Na Segunda Guerra Mundial morreram em torno de 50 a 60 milhões de pessoas, entre civis e militares, com novos mecanismos de destruição em massa, incluindo a bomba atômica. No que se refere à violência, além das duas grandes guerras mundiais, houve guerras civis brutais (a da Espanha, por exemplo), guerras coloniais, ditaduras militares nas Américas, com muitas vítimas de perseguições étnicas, políticas, religiosas, em números jamais atingidos antes. Tais acontecimentos provocaram a diáspora, em grande escala, de comunidades de diferentes países, que buscaram refúgio e oportunidades de vida, de emprego e de paz.

No caso das Américas, a chegada de povos da Europa, África e Ásia ampliou o caráter multicultural das sociedades americanas, formadas por populações ameríndias, sobreviventes do

processo de colonização, pelos descendentes de colonizadores europeus e dos africanos escravizados. No final do século XIX e no decorrer do XX, passaram a receber imigrantes em busca de oportunidades de trabalho, vindos de países em conflitos étnicos e religiosos, refugiados de guerras e perseguições de todo tipo, em países do mundo ocidental e do oriental, muitos vindos de países em guerra contra o imperialismo. Mas, pode-se dizer também que, no último século, houve uma via de duas mãos entre Europa e Américas: refugiados europeus encontram nas Américas um exílio livre de regimes totalitários e ditatoriais, em contrapartida, perseguidos por regimes opressivos em diversos países da América Latina refugiaram-se na Europa em tempos diferentes ou simultâneos. O exílio – assinala o historiador italiano Maurizio Degl’Innocenti – «constitui, pelas suas dimensões e sua importância social, um elemento caracterizador da história contemporânea» (Degl’ Innocenti, *apud* Groppo, 2002: 71).

As atrocidades que impelem os seres humanos ao refúgio permanecem na mente dos exilados, bem como a nostalgia do seu lugar, ou seja, onde construíram a sua história, os seus valores e educaram seus filhos. A partida é um mal menor, porque os protege de prisão, tortura, fome ou morte, mas a imigração não impede que sucessivas e pequenas mortes persistam no novo espaço, onde eles precisarão construir novamente um lugar, dotado de valores e lembranças a serem preser-

vadas. De acordo com Yi-Fu Tuan, «o que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor» (Tuan, 2015). Em processo lento e contínuo, esse novo lugar é construído pelos emigrados e, inevitavelmente, é insuficiente, incompleto, porque, na memória, restam perdas irrecuperáveis, incluindo, seguidamente, a da língua materna, que continuará a ser utilizada pelos emigrados no circuito familiar, mas deixa de ser o meio de comunicação principal e acaba por ser abandonada pelos descendentes. A segunda e terceira gerações já falarão a língua do país de acolhida e se integrarão melhor, mas esses descendentes ainda carregam o trauma familiar ou coletivo dos que tomaram a iniciativa de buscar um refúgio.

Os acontecimentos brutais que levaram à diáspora de povos no século XX deram lugar a uma escrita literária de caráter transnacional, produzida por escritores que, por intermédio da arte literária, buscaram unir o presente e o próprio passado às memórias e aos legados de seus antepassados, o que significa tentar reconstituir a própria história, rememorando o que foi recalcado – por vezes experiências traumáticas da família (é o caso das memórias ligadas às atrocidades da Segunda Guerra Mundial) – ou reelaborando a memória dos antepassados e preservando os hábitos, a língua materna, os valores herdados. Focando nas memórias do Holocausto, Marianne Hirsch vale-se do termo

«pós-memória» para referir-se aos descendentes de vítimas; a expressão descreve a relação que a «geração seguinte» (geração do depois) mantém com o trauma cultural, coletivo ou pessoal, vivido por aqueles que a precederam; diz respeito, assim, às experiências de que a geração seguinte não se “recorda” senão pelo viés de histórias, de imagens e de comportamentos no meio dos quais ela cresceu (Hirsch, 2014: 1, traduzimos)². Afirmo a autora que essas memórias «herdadas» foram transmitidas de modo tão profundo e afetivo, que elas parecem pertencer àqueles que as receberam e, portanto, têm um efeito, não sobre lembranças, mas sobre «projeções», «criações» e «investimentos imaginativos». Hirsch assinala ainda, no mesmo artigo, que a herança de memórias opressivas, a escuta de narrativas em fragmentos sobre acontecimentos que precederam os próprios nascimentos dos descendentes têm efeito no presente e trazem o risco de que as histórias das vidas dos depositários das memórias sejam deslocadas e até esvaziadas pelos ascendentes. Isso porque, segundo essa autora, a pós-memória decorre de uma estrutura geracional de transmissão no seio familiar, ou seja, as experiências transmitidas pelo grupo familiar, que passou pelo sofrimento, às gerações seguintes, de filhos

e netos. Para a pesquisadora, a pós-memória não é um movimento, método ou ideia: «Eu a vejo como uma inter- e transgeracional *estrutura* de transmissão de conhecimento e experiência traumática.»³

2. Violência, exílio e escrita literária

O exílio deu lugar a uma produção literária de caráter transnacional, escrita por autores que, por intermédio da arte literária, buscaram unir o presente e o próprio passado às memórias e aos legados de seus antepassados, o que significa tentar reconstituir a própria história e a própria identidade, rememorando o que foi recalcado — por vezes experiências traumáticas da família (é o caso da *pós-memória* da Segunda Guerra Mundial) — ou reelaborando a memória dos antepassados e também preservando costumes e valores herdados.

A literatura produzida pela segunda ou terceira geração de exilados revela, assim, a herança familiar dos autores e as novas experiências culturais vividas no *locus* de acolhida, razão pela qual a escrita literária revela identidades compósitas, em movimento, carregadas da herança dos antepassados e mesclada à cultura do país de destino, como é o caso dos brasileiros Milton Hatoum, Salim Miguel, Michel Laub, Paloma Vidal, Tatiana Salem Levy, entre

² No original: «Le terme de postmémoire décrit la relation que la “génération d’après” entretient avec le trauma culturel, collectif et personnel vécu par ceux qui l’ont précédée, il concerne ainsi des expériences dont cette génération d’après ne se “souvient” que par le biais d’histoires, d’images et de comportements parmi lesquels elle a grandi».

³ No original: «I see it [...] as a *structure* of inter- and trans-generational transmission of traumatic knowledge and experience.»

outros. A bagagem cultural herdada articula-se e convive com a cultura do país de chegada dos primeiros imigrantes e com os novos conhecimentos e desafios.

Escrita na língua do país de acolhida dos exilados ou descendentes em segunda ou terceira geração, essa literatura deu origem, nos últimos 30 anos, a uma relevante produção teórico-crítica sobre a questão, quantitativa e qualitativamente, para a compreensão do fenômeno e dos processos de movência identitária e cultural. De acordo com Stuart Hall, em *A identidade cultural da pós-modernidade* (1992), o mundo contemporâneo é marcado pelos cruzamentos culturais:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em *transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. (Hall, 2015: 52)

Para Hall, pensar a identidade da forma como já se pensou, com a possibilidade de retorno às raízes ou, ao contrário, a assimilação por outra cultura, é um falso dilema, e o autor emprega o conceito da *tradução* para descrever as «formações identitárias que atravessam e inter-

sectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal» (Hall, 2015: 52.). Essas pessoas passam a negociar com a cultura de acolhida, mas sem ser assimiladas por ela, porque mantêm vivas as suas relações com as origens, a língua materna, os hábitos, a alimentação, os valores. Portanto, elas carregam traços, histórias e memórias que estão conectados entre si. Hall lembra que, conforme Salman Rushdie, a palavra «tradução», de origem latina, significa etimologicamente «transferir», «transportar entre fronteiras», e assinala que «escritores migrantes», como Rushdie, são homens «traduzidos», que pertencem a dois mundos, pelo menos (Hall, 2015: 52).

Nessa escritura «migrante», que revela, em seu discurso, o imbricamento de culturas em determinado contexto espaçotemporal, abrangido pelo texto ficcional, é marcante a função da memória para restabelecer elos entre as origens e a experiência na sociedade de acolhida. A emoção desempenha um papel significativo no funcionamento da memória individual, porque, «quando exploramos nossas lembranças, a maioria delas ficaram impressas de uma maneira completamente independente de nossa vontade» e «quando exploramos nosso passado, são sempre as mesmas imagens ou cenas que reaparecem

espontaneamente»⁴, como assinalam Jean-Yves e Marc Tadié em *Le sens de la mémoire* (1999: 124). Isso acontece porque certas vivências (palavras, cenas, imagens...) tiveram uma carga emocional e efetiva mais forte, positivas ou negativas, de forma que permanecem na memória, enquanto fatos do cotidiano, não marcantes, são esquecidos ou não surgem espontaneamente no ato de lembrar.

A memória individual está conectada com a memória coletiva de uma comunidade, de uma nação. E, como afirma Maurice Halbwachs, a memória individual pode ser um «ponto de vista sobre a memória coletiva», de acordo com o lugar que o indivíduo ocupa, e esse mesmo lugar pode mudar em consequência de contato com outros ambientes (Halbwachs, 2003: 69).

Pierre Ouellet, em *Testaments*, emprega a expressão «comunidades de memórias», que se diferencia da memória coletiva, porque ela é memória de comunidades que tiveram experiências comuns, como «Memória do Terror, memória da Shoah, memória do Gulag ou de Kolyma»⁵, ou seja, memória dos sobreviventes

da violência (Ouellet, 2012: 183). Essas «comunidades de memória» acabam por produzir uma arquimemória, desterritorializada, que se relaciona a todos os «deslocados», os exilados, não só a eles, porque atinge a todos os que «não são mais eles-mesmos», somente pelo fato de que «aconteceu»:

A arquimemória é apátrida, ela diz respeito a todos os «deslocados» da Terra e da História, não somente os deportados ou os exilados no sentido próprio, mas todos aqueles que «não são mais os mesmos» pelo simples fato de que «aconteceu»... não tanto a eles senão a sua humanidade, doravante desorientada, desequilibrada, em queda livre em seu passado «esburacado», seu futuro para sempre fugidio.⁶ (Ouellet, 2012: 183; traduzimos)

Ouellet acrescenta que a arte e a literatura são depositárias dessa arquimemória cuja reprodução de feitos e malfeitos

veicula a angústia e os medos, a perplexidade, os tremores, ela transporta-nos ou deporta-nos nesse deslocamento ou para esse desalinamento de nossa humanidade, doravante fragilizada, fortemente machucada pelo que

⁴ No original: «Lorsque nous explorons nos souvenirs, la plupart d'entre eux sont restés imprimés d'une façon tout à fait indépendante de notre volonté. Lorsque nous explorons notre passé, spontanément ce sont toujours les mêmes images ou scènes qui réapparaissent.»

⁵ No original: «Mémoire de la Terreur, mémoire de la Shoah, mémoire du Goulag ou de Kolyma.»

⁶ No original: «l'archimémoire est apatride, elle concerne tous les "déplacés" de la Terre et de l'Histoire, non plus seulement les déportés ou les exilés au sens propre, mais tous ceux-là qui "ne sont plus eux-mêmes" du seul fait que "c'est arrivé"... non tant à eux qu'à leur humanité, désormais désaxée, déséquilibrée, en chute libre dans son passé "troué", son avenir à jamais fuyant.»

lhe aconteceu e que continua a acontecer.⁷
(Ouellet, 2012: 184; traduzimos)

O poeta russo Joseph Brodsky, da ex-URSS, que se exilou nos EUA em 1972, em conferência em Viena, intitulada «A condição chamada exílio»,⁸ assinala também o papel da literatura como resistência e fundamento moral das sociedades:

Como não há muita coisa que possa servir de base para nossas esperanças de um mundo melhor, como tudo o mais parece falhar de um modo ou de outro, precisamos sustentar de alguma maneira que a literatura é a única forma de segurança moral de uma sociedade, que ela é o antídoto permanente ao princípio do «homem como lobo do homem», que ela oferece o melhor argumento contra qualquer tipo de solução coletiva que opere feito um trator — quando menos porque a diversidade é o que compõe a literatura e é sua *raison d'être*. (Brodsky, 2016: 17)

No contexto da reflexão sobre deslocamentos, Pierre Ouellet já havia assinalado, em *L'esprit migrateur* (2005), que a literatura se afigura como o lugar de fixação de uma «estesia migrante» ou sensibilidade migratória, caracte-

rizada pela percepção da alteridade e pelas novas formas de experiências de intersubjetividade ou de relações entre o *si* e o *outro* que existe em si mesmo. Tal como Hall, Ouellet considera que, no movimento migratório, pelo qual o indivíduo

[...] se emancipa de sua origem ou de sua identidade primeira, em uma espécie de *tradução* ou de *translação* de si em outro, a fim de se dar uma história, um destino ou um devir que não se inscrevem mais na bela continuidade casual de uma memória única e homogênea [...], que mas reescrevem sua própria constituição como sujeito a partir de suas diferentes confrontações com a alteridade, em uma gênese ou um percurso definido mais como uma migração contínua, do que como um simples retorno sobre si mesmo.⁹ (Ouellet, 2005: 19)

Na literatura contemporânea, os deslocamentos espaciais ou exílios de protagonistas, situados em outros países e culturas, provocam o enfrentamento da solidão, o estranhamento, o mergulho em si mesmo. Surgem, com frequência inédita, narrativas ficcionais com protagonistas que experimentam sentimentos antes desconhecidos de si mesmos, ao se defrontarem com a cultura do *outro*.

⁷ No original: «elle véhicule l'angoisse et les peurs, l'effarement, les tremblements, elle nous transporte ou déporte en ce déplacement ou ce désaxement de notre humanité désormais fragilisée, frappée en plein fouet par ce qui lui est arrivé, et qui continue d'arriver...»

⁸ Conferência sobre exilados, realizada pela *Wheatland Foundation* em Viena, em 1988.

⁹ No original: «par lequel on s'émancipe de son origine ou de son identité première, dans une sorte de *traduction* ou de *translation* de soi en autre, pour se donner une histoire, un destin ou un devenir qui ne s'inscrivent plus dans la belle continuité causale d'une mémoire unique et homogène [...], mais qui réécrivent sa propre constitution comme sujet à partir de ses différentes confrontations avec l'alterité, dans une genèse ou un parcours défini comme une continuelle migration plutôt que comme un simple retour sur soi.»

Conforme o narrador de *Cidades invisíveis*, de Italo Calvino, «a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos» (Calvino, 1991: 28). Edward Said considera que «a maioria das pessoas têm consciência de uma cultura, um cenário, um país», mas os exilados (incluiria também os deslocados temporariamente de seu *locus* originário) têm, no mínimo, a consciência de pelo menos dois dos aspectos citados, de tal forma que adquirem uma pluralidade de visão e isso dá origem «a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que — para tomar emprestada uma palavra da música — é *contrapontística*» (Said, 2003: 59).

Nas últimas três décadas, surgem autores de origem estrangeira cujas obras permitem inferir sobre a forma como se dão, de um lado, os processos de adaptação dos imigrantes, com todos os percalços de ordem prática e afetiva implicados, e, de outro, os processos de reconhecimento do outro, o estrangeiro, a acolhida do «diferente» quanto aos costumes, ao idioma, às crenças religiosas, encontro esse que pode levar à partilha de conhecimentos. Nesses romances, é possível estabelecer uma distinção entre escritores descendentes de imigrantes da segunda ou terceira geração e escritores que deixaram os seus países já adultos e têm a memória das origens muito viva (a exemplo do brasileiro Sergio Kokis, que foi para França e depois emigrou para

o Canadá e lá fixou residência, e da libanesa Abla Farhoud, que deixou o Líbano, estudou na França e emigrou também para o Canadá). A escrita desses autores é híbrida ou migrante, no sentido em que o discurso literário, escrito na língua adotada, passa de uma cultura a outra, inserindo vocábulos ou frases da língua familiar e aludindo a objetos, alimentos, paisagens que compõem o cenário da cultura de origem. Farhoud, por exemplo, insere adágios árabes, traduzidos para o francês, no seu livro *Le bonheur à la queue glissante* (1998). Desse modo, o texto literário mantém os vínculos com memória dos antepassados, mas é recontextualizado no *locus* de acolhida, espaço onde se realizam trocas, negociações identitárias, novas aprendizagens.

Na literatura contemporânea do Brasil, mormente das últimas três décadas, surgem também narrativas ficcionais com protagonistas que, situados temporariamente em outros países e culturas, enfrentam a solidão, o estranhamento, e encetam a busca de si mesmos, como em romances de Bernardo Carvalho (*Mongólia*), Chico Buarque (*Budapeste*), Amílcar Bettega (*Barreira*), entre outros. Essa abertura à cultura do outro tornou-se mais recorrente nas últimas três décadas, o que pode ser atribuído à globalização e ao advento da Internet em finais dos anos 1980. O progresso dos meios de transporte e de comunicação (televisão e Internet) aproximou os países, de modo que isso promoveu o interesse pela diversidade cultural e pelo conhecimento do

contraste entre modos de vida. Muitas editoras estimularam escritores a se deslocarem e escreverem ficções, a partir da experiência de viver certo tempo em outro país, como é o caso das obras escritas para a coleção «Amores Expressos», da Companhia das Letras, no Brasil.

Editam-se também romances de descendentes de imigrantes no Brasil, da segunda ou terceira gerações, que tiveram oportunidade de desenvolvimento intelectual para se tornarem escritores e narrarem a saga dos antepassados, como são os casos de José Clemente Pozenato, Milton Hatoum, Salim Miguel, para falar de alguns dos primeiros a transmitirem e transfigurarem ficcionalmente a memória herdada e as próprias vivências familiares. Um exemplo é o romance *Nur na escuridão*, de Salim Miguel, autoficcional, escrito por um descendente de libaneses que emigraram para o Brasil na década de 1920. O título já traz uma palavra árabe, que significa luz: essa é primeira palavra da língua portuguesa que aprenderam ao chegar no porto do Rio de Janeiro. O narrador-protagonista recupera a história da vida familiar, desde o momento em que eles deixaram o Líbano para tentar a sorte nas Américas. O escritor reuniu, no romance, ficção e recordações familiares, a partir das memórias do pai — escritas em árabe e intituladas *Minha vida*, inserida na narrativa —, dos relatos orais do pai e da mãe e das suas próprias experiências no Brasil, onde chegou aos quatro anos de idade.

Nessa escritura «migrante», transnacional, translíngua, que expressa, em seu discurso, o cruzamento de culturas em determinado contexto espaçotemporal, abrangido pelo texto ficcional, é marcante a função da memória para restabelecer os elos entre as origens e a experiência na sociedade de acolhida. O processo narrativo, marcado pela mobilidade subjetiva e intersubjetiva, apela para a presentificação do passado, com narradores em contínuo exercício de alteração de si mesmos, reconstruindo-se a cada instante.

A escrita literária de Adriana Lisboa

A escritora brasileira, que vive atualmente nos EUA, tem publicado obras que trabalham com temas do deslocamento temporário ou definitivo, pessoas e grupos na condição de refugiados, exilados, emigrados, expatriados, tomando aqui os termos com os quais Edward Said, no ensaio «Reflexões sobre o exílio», discute diferenças entre os estatutos daqueles que abandonam o seu país, assinalando que o termo «exílio» joga com possibilidades diversas, entre elas o exílio político ou o voluntário (Said, 2003: 46-60).

No romance *Hanói* (2013), Adriana Lisboa lança o seu olhar sensível a esses trânsitos humanos de refugiados de guerra e imigrantes nos Estados Unidos da América, país que, por sua supremacia econômica e suas decisões políticas, tem sido lugar de refúgio de intelectuais e políticos de inúmeros países, como aconteceu durante e após a Segunda Guerra

Mundial, mas, ao mesmo tempo, tem revelado ambiguidades e conflitos com os povos acolhidos, dependendo do governo eleito e do *status* social do imigrante.

O título do romance remete o leitor ao Vietnã, depois da unificação em 1975, já que Hanói era a capital da República Democrática do Vietnã (no Norte), que, tendo à frente a guerrilha Vietcong, venceu a Guerra contra os EUA, enquanto Saigon era a capital da República do Vietnã (no Sul), território dominado pelo exército americano. Hoje, depois da unificação do país em 1976 – atual República Socialista do Vietnã –, a capital do país unificado é Hanói.

No âmbito da dominação de potências ocidentais no Vietnã, destacam-se as invasões do Japão, a Guerra da Indochina, entre tropas vietnamitas e tropas francesas (1946-1954), seguida da cisão do país em Norte e Sul, e depois a Guerra no Vietnã, que durou de 1959 a 1975 – apoiada pelos Estados Unidos no Sul, que entrou diretamente no conflito, e no Vietnã do Norte pela URSS. Portanto, só esses dois últimos conflitos bélicos duraram 29 anos, e se, de um lado, custaram vidas de expressiva parte da população vietnamita, de outro, provocaram a diáspora de milhares de vietnamitas para Europa, EUA, Canadá e Austrália, que não suportaram o sofrimento imposto pelas guerras.

Trata-se de um romance composto de seis capítulos, sem títulos, mas numerados, com um narrador que deixa as personagens filtrarem

sentimentos, impressões, por meio do discurso indireto-livre, inserindo-os no seu discurso, e dos diálogos, sem a pontuação-padrão, das personagens com identidades migrantes, sujeitos cindidos por diferentes lugares (o de origem, o de acolhida, o dos antepassados) e por tempos diferentes, de um passado irrecuperável, trazido pela memória dos mais velhos, imigrantes da primeira geração, e um presente melancólico, marcado pela falta, pelo sentimento de incompletude. De acordo com Freud, a melancolia pode relacionar-se «com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente» (Freud, 2011: 51). Essa melancolia perpassa por gerações das famílias dos emigrados.

Assim, embora o narrador de *Hanói* seja onisciente, ele privilegia a visão das personagens, deixando-as falar ou expressar seus sentimentos, pontos de vista, e é dessa forma que o leitor toma conhecimento de seus pensamentos e seus conflitos.

São protagonistas do romance a jovem Alex, terceira geração de família de imigrantes, com ascendência americana e vietnamita, e o músico David, filho de um brasileiro e de uma mexicana. Ligados a esses, há personagens imigrantes vietnamitas, inseridos na sociedade norte-americana, na condição de refugiados da guerra do Vietnã: Linh, Huong, avó e mãe de Alex, respectivamente; Trung, ex-monge budista, proprietário de um pequeno mercado asiático na Little Vietnam, em Chicago. Huong

é filha de um relacionamento entre Linh e um soldado americano no Vietnã; Alex nasce nos EUA, filha de Huong com um americano, e, aos 19 anos, teve um filho com um homem casado, chamado Max, afro-americano, treinador de basquete. Como Max é casado, foi apresentado ao menino Bruno, seu filho, como primo: «Um dia talvez Bruno somasse a cor da pele daquele primo gentil à cor da pele de sua mãe e concluísse que o resultado bem poderia ser a cor da pele dele, Bruno. Seria como combinar dois baldes de tinta» (Lisboa, 2013: 55).

No romance, verte uma sutil melancolia do pensamento e da história das personagens, todas de origem estrangeira, vivendo na cidade de Chicago, e estabelecendo laços entre elas, já que ligadas pela condição de imigrantes; ainda que de etnias diferentes, suas histórias se cruzam e têm afinidades. A história de Linh e Huong, avó e mãe de Alex, é a de todos refugiados nos EUA, durante a guerra do Vietnã; elas inseriram-se no bairro de vietnamitas e de outros imigrantes da Ásia na cidade de Chicago, tal como fizeram esses refugiados em outras cidades das Américas e da Europa, aglutinando-se em um bairro típico, onde preservam as culturas de origem. Linh tivera relacionamento com um jovem soldado americano no Vietnã, chamado Derrick, mas Huong não chegara a conhecer o pai, que fora transferido da base de Da Nang para outra base americana, quando Linh estava grávida. Huong, já nos EUA, na condição de imigrante, teve um relacionamento com

um americano, com a profissão de encanador, bem mais velho do que ela, e desse encontro nasceu Alex. Assim que Alex pôde dar conta de si sozinha, Linh e Huong se retiraram para uma zona rural, a cinco horas de Chicago, voltando ao trabalho no campo, já que vieram de um país rural e ficavam confusas na cidade grande (cf. Lisboa, 2013: 16-17).

Alex conheceu David quando ele foi ao pequeno mercado de Trung, e com ele estabeleceu laços afetivos sólidos, mas depois ela precisou aceitar a sua morte e trabalhar o luto. Abandonado pela mãe mexicana em criança, educado pelo pai brasileiro, que tinha morrido cedo, o jovem músico David foi impactado com o diagnóstico de câncer irreversível, notícia que levou a que ele fizesse um grande esforço para elaborar a ideia de sua própria morte prematura.

Revela-se, igualmente, no romance a trajetória de Trung, também vietnamita, proprietário de uma loja de produtos de seu país, onde trabalha a jovem Alex como caixa. Trata-se de homem solitário, que tinha sido um monge budista e, depois da guerra, fora enviado para campos de reeducação. Guarda na memória esses campos, como o trabalho em minas terrestres e as experiências no campo de refugiados da Malásia. Embora pouco falasse sobre essas recordações, conserva os seus ritos: no fim da tarde, antes de voltar para casa, faz «prostrações diante da estatueta branca de *Quan Âm*, aquela que ouve os sons do mundo» (Lisboa, 2013: 38). Segundo o narrador:

A alma de Trung tinha ficado em algum lugar lá atrás, entre flores vivas e florestas calcinadas e memórias confusas, ou então no meio do oceano e de barcos circundados de cadáveres que iam se perdendo no escuro da noite como boias disformes, ou em meio a estranhos cujo olhar nunca deixaria de ser fundamentalmente estranho. (Lisboa, 2013: 46)

Trung, Linh e Huong se entendiam bem: «Os três eram irmãos que a guerra havia reunido dentro de um buraco, um fosso. Lá em cima havia luz e ar puro, mas não era para eles» (Lisboa, 2013: 45).

Cada personagem principal traz no fundo de si memórias de algo que o liga a outro tempo e a outro lugar, ainda que inconscientemente. Até o menino Bruno, filho de um homem de origem africana e de uma mãe de origem vietnamita, sente que tem dentro de si algo que chama a sua atenção para outra paisagem e cultura, a da África e dos animais africanos: «Ele estava deitado no sofá, os olhos grudados na tela. Nas gazelas, na savana. Nas nuvens de pássaros. Na estranha ideia de liberdade – ou talvez alguma coisa com outro nome – que aquelas coisas transmitiam e que ele não sabia formular» (Lisboa, 2013: 53).

Essas personagens partilham a condição de viver à margem da sociedade branca norte-americana, trabalhando em comércio ou em

pregos de pouco prestígio, como o caso da mãe de Alex, Huong, inicialmente manicure, na sequência arrumadeira em hotel e depois funcionária de uma sociedade recreativa, para auxiliar no jogo do bingo, na organização de festas, etc. Huong era uma adolescente de 17 anos, semianalfabeta na sua própria língua, quando chegou aos Estados Unidos, e ela não conhecia a nova língua que precisaria falar. Com ajuda de uma agência de apoio a refugiados, fez curso de manicure e começou a trabalhar. O excerto a seguir revela as dificuldades da imigrante para se integrar em uma nova cultura e estabelecer elos com os nativos:

Huong conseguiu trabalho como manicure, alguns meses depois de sua chegada. Não que fazer unhas fosse um talento especial seu, mas tudo se aprende. A agência que recebia os refugiados e tentava encaixá-los na sociedade, aquelas peças anômalas que eles eram, ajudou.

Trabalhava quatro vezes por semana no salão, e **entre ela e suas clientes não havia palavras, só unhas. Era como se ela e o seu novo mundo realmente só se tocassem com as pontas dos dedos.** (Lisboa, 2013: 73; grifos nossos)

Como assinala Anne-Rosine Delbart, «exilar de sua língua natal é romper com sua cultura e seu lugar primitivo, é cortar pela segunda vez o cordão umbilical»¹⁰ (Delbart, 2005: 17).

==

¹⁰ No original: «S'exiler de sa langue natale, c'est rompre avec sa culture et son lieu primitif, c'est couper une seconde fois le cordon ombilical».

Para a autora, o exilado sofre a perda de uma parte de si-mesmo, já que «cada idioma carrega uma visão de mundo e um sistema de referências que lhe são próprios», de modo que «mudar a língua conduz então a ver e a pensar o mundo diferentemente»¹¹. Delbart refere-se a escritores exilados que adotam a língua do país de acolhida para escrever. No caso das personagens vietnamitas de *Hanói*, esse exílio é maior porque elas têm pouco capital intelectual e isso dificulta a aquisição do novo idioma, no caso extremamente diferente da língua natal. Portanto, organizar-se em bairros de imigrantes onde muitos falam a mesma língua e têm costumes semelhantes é uma forma de se sentir um pouco próximos da distante pátria.

O romance inicia com a notícia a David, por um médico, de que ele está com um câncer no cérebro muito grave, provavelmente com poucos meses de vida, mas o médico recomenda tentar a radioterapia. A visão do elefante de pedra verde sobre a mesa, que o médico manipula, ao dar o diagnóstico a David, faz com que o paciente lembre da atitude dos elefantes que se isolam da manada quando pressentem a morte:

David tinha lido numa revista, muitos anos antes, que os elefantes abandonam sua manada ao sentir que a morte está próxima e

vão sozinhos procurar um lugar onde não seja difícil encontrar água e abrigo. Os dentes se fragilizam, perdem a eficiência de outras épocas da vida, e os animais vão buscar áreas pantanosas, por exemplo, onde encontram o alimento já amolecido. Parecia ter sido essa a origem do mito do cemitério dos elefantes. (Lisboa, 2013: 10)

Esse pensamento é uma antecipação (prolepse) do que ele tentará realizar mais adiante. Todo romance é feito de prolepses e analepses que funcionam como faróis para a compreensão do destino das personagens. O narrador expõe diretamente o pensamento de David e sua forma de racionalizar diante do inesperado e duro diagnóstico:

Se afinal, sobre o referencial do universo, sobre o qual gostava de ler no caderno de ciências do jornal, ele passava tão rápido quanto uma estrela cadente. Feche os olhos, puf! acabou. Os seus trinta e dois anos se comparavam à bilionésima parte de um segundo, tempo de vida daquelas partículas subatômicas descritas na última edição. Postos em perspectivas, numa perspectiva de bilhões de anos, ele e as partículas subatômicas eram primos. Existiam num soluço. (Lisboa, 2013: 12)

Com uma espada sobre a cabeça, David permanece, após o diagnóstico de câncer, em processo de elaboração deste destino fatal até

==

¹¹ No original: «chaque idiome véhicule une vision du monde, un système de références qui lui est propre. Changer de langue conduit alors à voir et à penser différemment.»

o penúltimo capítulo, quando, delicadamente, é informada a sua morte. O narrador intercala, no início, notícias de sua vida e, em seguida, de Alex, a jovem que trabalha na caixa do pequeno mercado com produtos asiáticos. Abandonado pela namorada Lisa e já com o diagnóstico inelutável, David encontra Alex, ao fazer compras no mercado asiático, e suas vidas se entrelaçam. David não vive com a mãe, pois essa o abandonou quando criança; seu pai ficou sozinho e morreu cedo: «em dado momento da vida, Guadalupe desistiu de Luiz e de David, e saiu em busca de alguma coisa que nunca ficou cem por cento clara» (Lisboa, 2013: 100). Ao saber de sua doença, David desmancha seu apto, doa tudo que é seu aos vizinhos e depois a Alex, inclusive seu computador. «Gostaria de partir para morrer como os elefantes», foi o que pensou ao receber o diagnóstico. Desfazer-se de suas coisas, era o começo antes de ir em busca do refúgio para morrer. Refletindo sobre a morte, David lembra um velho e doente cachorro labrador de sua ex-namorada, e o sofrimento que foi aceitar que ele, depois de uma paralisia da laringe irrecuperável, precisou ser sacrificado pelo veterinário. E essa evocação provoca uma reflexão sobre o estranhamento diante da perspectiva da morte de qualquer ser vivo:

A morte parecia muito mais estranha: como é que aquilo que era se torna o que não é mais? Como é que uma pessoa, um bicho ou mesmo uma planta com que você convivia, que durante um tempo se esforçou para cons-

truir uma existência em torno de preferências, incapacidades, intolerâncias, ciclos, como é que tudo isso se retirava do universo em um instante? (Lisboa, 2013: 123)

A imagem do elefante vai reaparecer em diversos momentos da narrativa, sinalizando a futura retirada do mundo. Quando ele encontra na rua um jovem tocando um piano de armário para ganhar dinheiro, pensa:

O garoto devia ter seus dezoito anos. Era um elefante jovem, com dentes saudáveis, mordendo a comida com força, arrancando as folhas das árvores. [...] O jovem elefante de dentes saudáveis, ainda capaz de morder o mundo, e o elefante que se encaminhava precocemente ao pântano. (Lisboa, 2013: 21)

David e Alex criam laços afetivos fortes, e ela cuida dele até a sua morte. Na busca de um refúgio para morrer, David pergunta a Alex para que lugar do mundo gostaria de ir, se pudesse escolher. Ela responde: Hanói. Essa escolha demonstra a transmissão a Alex das memórias da avó e da mãe, e como essa herança foi partilhada com David, que decide, então, que era para lá que ele iria. Era lá que iria morrer. Prepara a viagem, o passaporte, mas Alex decide acompanhá-lo, embora ele insista em ir sozinho, para encontrar o seu lugar, tal como os elefantes. Essa escolha de David revela os laços que estabeleceu com ela e com a cultura vietnamita, laços que se ancoram no afeto e se expandem na direção do conhecimento da

cultura de um país tão distante, até então desconhecida por ele.

No último capítulo do romance, em que o leitor é informado sobre a morte de David, encontramos Alex, seu filho Bruno e Max, pai de Bruno, em Hanói. Fazem a viagem que David não chegou a fazer; e ela passeia sozinha pelas ruas de Hanói no primeiro dia, refletindo sobre o porquê de estar ali naquele momento, na cidade de seus pais e avós: «Aquele passeio sozinha, na primeira manhã, era um passeio que tinha feito por ele e, num certo sentido, com ele também. Levava sua companhia na memória, no fato de que se afinal estava em Hanói era por causa dele» (Lisboa, 2013: 234).

Alex reencontra em Hanói as suas raízes, a língua que aprendeu a falar com a mãe e a avó, mas ela se dá conta de que é estrangeira na cidade que visitaria em companhia de David e mostraria a ele:

Queria, por assim dizer, mostrar-lhe um pouco da cidade, antes de se familiarizar com ela. Como se estivessem descobrindo juntos. Como se estivessem partilhando o primeiro olhar, aquele que ainda é pura expectativa, pura curiosidade. Que roça nos rostos das pessoas e nas placas das ruas pela primeira vez. Nas casas verticais, espremidas umas de encontro às outras. Nos gestos que as pessoas fazem, no seu modo de sorrir e de erguer ou baixar os olhos. (Lisboa, 2013: 234)

Nesse momento, Alex se depara com as origens maternas, com a cultura e a língua que falou em casa com a mãe, com os objetos que se vendiam na Little Vietnan, em Chicago, e tem consciência de que algo permaneceria dentro deles — de seu filho Bruno, de Max e dela —, na memória de cada um: «Algo que nada tinha a ver com centenas de fotografias, com suvenires baratos, com aventuras a serem narradas aos amigos e familiares» (Lisboa, 2013: 237). Em Hanói, emerge a lembrança de David nos devaneios de Alex pela cidade, pois ele planejara a viagem que não conseguiu realizar; esse pensamento provoca uma emoção que toma conta de Alex, ao percorrer sozinha as ruas e ver a paisagem de seus ancestrais.

No romance, estados melancólicos são desencadeados por processos de elaboração de perdas afetivas, mortes e decepções, acontecimentos que emergem fragmentariamente na memória das personagens e nos falam da dor de existir, do sentimento de uma falta difusa que provoca diálogos com a solidão, a morte, a passagem temporal e com perdas irreversíveis.

O leitor defronta-se, em *Hanói*, com a situação de refugiados de guerra, de imigrantes em busca de oportunidade em um país rico, com a hibridação cultural e com as dificuldades de adaptação no país de acolhida. Suas identidades estão em contínua migração, transitando entre as origens, de que conservam resíduos e vestígios culturais que habitam a memória, e o país estrangeiro, de refúgio ou

escolha de vida. Do enredo depreende-se que as origens, por mais longínquas que sejam, permanecem e podem emergir da memória a qualquer momento, e nos descendentes surge como uma pós-memória, construída pelos relatos familiares.

Desencadeada pelo deslocamento ou pela sensibilidade para o confronto, essa produção literária voltada para o reconhecimento e o confronto com o Outro, seja na condição de refugiado ou de acolhedor desse, é uma «escrita migrante», que transita entre culturas distintas. Conforme Pierre Ouellet, na noção de migrância está a ideia de transgressão, através da qual o Eu se emancipa de sua identidade primeira:

É uma passagem ao *outro*, um movimento transgressivo do Um na direção do Outro, que infringe as leis do próprio, franqueia as fronteiras da propriedade ou da individualidade, para ir além, sempre, do lugar de onde veio ou de onde deriva a sua identidade, para melhor desfazer esse laço originário e renová-lo em cada novo destino, um *outro* devir que é também um devir *outro*.¹² (Ouellet, 2005: 19; traduzimos)

Refletindo sobre os imigrantes no seu país, Ouellet observa que

[...] a movência intersubjetiva e intercultural caracteriza tanto a produção de autores autóctones, nascidos e tendo sempre vivido aqui [no Canadá], que acolhem o *Outro*, quanto daqueles numerosos escritores antilhanos, latino-americanos, orientais e do oriente Médio, magrebinos, europeus que trabalham ao Québec e no Canadá já há muitos anos.¹³ (Ouellet, 2005: 17; traduzimos)

Essa literatura migrante abrange, portanto, a mobilidade intersubjetiva e intercultural que caracteriza também certos autores que nasceram e cresceram em determinado país, como é o caso de Adriana Lisboa, mas tiveram a oportunidade de se confrontarem com outras culturas e compreenderem o Outro, seus valores e modos de vida.

Bibliografia

Impressa

Brodsky, J. (2016). A condição chamada exílio. Em: *Sobre o exílio*. Editora Âyné. Belo Horizonte;

Calvino, I. (1991). *As cidades invisíveis*. (Trad. de Diogo Mainardi). Companhia das Letras. São Paulo;

¹² No original: «C'est un passage à *autre*, un mouvement transgressif de l'Un vers l'Autre, qui enfreint les lois du propre, franchit les frontières de la propriété ou de l'individualité, pour aller au-delà, toujours, du lieu d'où l'on vient et d'où l'on tire son identité, pour mieux défaire ce lien originaire et le renouer chaque fois en un nouveau destin, un *autre* qui est aussi un devenir *autre*.»

¹³ No original: «[...] la mouvance intersubjective et interculturelle caractérise autant la production d'auteurs autochtones, nés ici et ayant toujours vécu ici, que celle des nombreux écrivains antillais, latino-américains, orientaux et moyen-orientaux, maghrébins et européens qui œuvrent au Québec et au Canada depuis déjà plusieurs années.»

Groppo, B. (2002). Os exílios europeus no século xx. (Trad. de Aglaé T. Ribas Auada). *Diálogos*, **6**: 69-100;

Freud, S. (1996). Reflexões para os tempos de guerra e morte. Em: J. Salomão (org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (ed. standard brasileira). Imago. Rio de Janeiro. Vol. XIV;

Genette, G. (s.d.). *Discurso da narrativa*. Vega. Lisboa;

Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva*. (Trad. de Beatriz Sidou). Centauro. São Paulo;

Hall, S. (2015). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Trad. de Tomaz Tadeu da Silva). Lamparina. Rio de Janeiro;

Hirsch, M. (2015). *La generación de la posmemoria: Escritura y cultura visual después del Holocausto*. Carpe Noctem. Madrid;

Lisboa, A. (2013). *Hanói*. Alfaguara. Rio de Janeiro;

Maalouf, A. (1998). *Les identités meurtrières*. Grasset. Paris;

Miguel, S. (2008). *Nur na escuridão*. Record. Rio de Janeiro;

Ouellet, P. (2005). *L'esprit migrateur*. VLB Éditeur. Montréal;

Ouellet, P. (2012). *Testaments. Le témoignage et le sacré*. Liber. Montréal;

Perrone-moisés, L. (2005). *Texto, crítica, escritura*. Martins Fontes. São Paulo;

Said, E. (2000). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Companhia das Letras. São Paulo;

Tadié, J.-Y. e Tadié, M. (1999). *Le sens de la mémoire*. Gallimard. Paris;

Tuan, Y.F. (2015). *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência* [livro eletrônico]. (Trad. de Livia de Oliveira). EdUEL. Londrina.

Digital

Dictionnaire testimoniel et mémoriel (2014). Mots du témoignage et de la mémoire. *Témoigner. Entre Histoire et Mémoire*, **119**: 172. Acedido em 2 de junho de 2022, em: <http://journals.openedition.org/temoigner/1384>;

Hirsch, M. (2008). The Generation of Postmemory. *Poetics Today*, **29** (1): 103-128. Acedido em 2 de junho de 2022, em: <http://doi.org/10.1215/03335372-2007-019>;

Hirsch, M. (2014). Postmémoire. *Témoigner. Entre Histoire et Mémoire*, **118**: 205-206. Acedido em 2 de junho de 2022, em: <https://doi.org/10.4000/temoigner.1274>.